



cine clube  
viseu

31 • AGO — 04 • SET

LOCAL Museu Nacional Grão Vasco

SESSÕES ÀS 21h00 • ENTRADA LIVRE

## FILMES AO AR LIVRE, HISTÓRIA DA NOSSA CIDADE

Ideia acarinhada há muito, as sessões de cinema no Verão regressam de 31 de Agosto a 4 de Setembro com uma edição de CINEMA NO MUSEU muito diversificada. O Claustro do Museu Nacional Grão Vasco é a base de novas vivências e histórias que desenham o local que habitamos.

Nos últimos anos, pelo Museu passaram filmes de culto, sessões com músicos menos conhecidos e outros já consagrados, filmes vencedores de festivais internacionais e vários convidados, em sessões de cinema com milhares de espectadores, jovens e adultos com gosto pelas imagens em movimento, curiosidade e sentido crítico.

Este ano não será excepção, a começar pelo trabalho colaborativo que inclui voluntários e que permite que o programa aconteça, com cinco noites. São sessões que conduzem à descoberta de facetas menos vistas do cinema, em torno do seu período clássico, ou mais experimental, e de geografias que os cinéfilos não dispensam, do Irão ao Japão.

Esta é a forma de dar continuidade à acção do CINE CLUBE DE VISEU, desenvolvida há 65 anos para público em geral e em contextos educativos, na tentativa de criar um panorama cultural mais rico e que contribua para a qualidade de vida e desenvolvimento da Cidade.

Apenas com as construções de granito e a história a emparedar a plateia, um desafio de Verão para explorar, descobrir e completar o gosto pela sétima arte.

# 31 2021 Cinema no Museu

© Salomé Santos

# 31

AGOSTO • Terça

## Strangers on a Train

O Desconhecido do Norte-Expresso

M12

de Alfred Hitchcock

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA • 1951 • 101'

**S**trangers on a Train (1951) resgatou Alfred Hitchcock dos fracassos comerciais das duas obras anteriores (*Sob o Signo de Capricórnio*, 1949, e *Pânico nos Bastidores*, 1950) ao tornar-se num êxito de público e de crítica. O próprio realizador escolheu o romance, pagando pelos direitos de autor uma quantia modesta, uma vez que Patricia Highsmith era, na altura, uma jovem autora em início de carreira.

A sequência de abertura revela-se peculiar: a câmara, ao nível do chão, fixa-se nos pés de duas personagens, mostrando, em separado, e utilizando planos similares para cada uma, que ambas se compor-



Uma das obras mais características e mais atípicas de Alfred Hitchcock. Se quiserem uma obra em que todos os temas de Hitchcock são trazidos à sua máxima perfeição, uma obra que ilustre Alfred Hitchcock no seu melhor, não conheço melhor exemplo.

JOÃO BÉNARD DA COSTA in NO MEU GINEMA (RTP)

tam de modo idêntico — saem de táxis, dirigem-se para o interior da estação, deslocam-se no comboio, sentam-se e cruzam as pernas. (...)

Logo nos primeiros planos são introduzidas três esferas preponderantes na obra; a nível estrutural, o comportamento mimético de Bruno e de Guy, que os aproxima, também os caracteriza como opostos, metonimicamente, pelos sapatos (a sobriedade de um contrasta com a exuberância do outro). A nível erótico, insinua-se uma certa atmosfera de sexualidade e de fetichismo, sublinhada pela forma exclusiva como a câmara segue uma parte do corpo relacionada com a sensualidade. (...) Por fim, a terceira esfera, relacionada com a técnica cinematográfica, tem que ver com a utilização da montagem paralela (intimamente ligada às anteriores).

(...) Filme sobre a transferência de culpa, *Strangers on a Train* convoca o espectador, tornando-o voyeur e cúmplice de um acto condenável. Que o vilão Bruno suscite uma maior simpatia do que o herói Guy, não surpreende — a sua personagem assume-se como paradigmática dos vilões que constituem o centro da obra à volta do qual tudo gira. Trata-se, também, de um filme sobre o controlo (e a falta dele) — e sobre a precariedade do sujeito enquanto um todo, demonstrado pela luta que ocorre entre o seu consciente e os seus desejos recalcados, luta que sanciona a estrutura paralelística em que a obra se alicerça.

CÉSAR GOMES

in ARGUMENTO #147, Janeiro 2015



**STRANGERS ON A TRAIN** Um psicopata confronta um famoso tenista com a teoria de que dois completos estranhos podem facilmente livrar-se de pessoas indesejadas sem serem apanhados: para isso, basta “trocarem de homicídios”, cada um matando o indesejado do outro, sem nada que os ligue ao caso. Adaptado de um romance de Patricia Highsmith e com a colaboração de Raymond Chandler, *Strangers on a Train* é um dos pontos máximos da obra de Alfred Hitchcock, levando ao limite o tema da culpa que é transversal aos filmes do mestre do suspense. ●

01

SETEMBRO • Quarta

## Um Z e Dois Zeros

A Zed & Two Noughts

de Peter Greenaway

REINO UNIDO/HOLANDA • 1985 • 115'

M16

A pesar de haver muitas fontes visuais na origem de *Um Z e Dois Zeros*, as três mais reconhecíveis são um vídeo, um macaco, e uma fotografia emprestada.

O vídeo era um time-lapse de três minutos da decomposição de um rato, exibida num programa da BBC em 1981.

Graças à aceleração do tempo, via-se que os vermes agiam como um só sobre o cadáver, devorando-o sistematicamente.

O macaco vivia no Zoo de Roterdão e só tinha uma perna. O animal tinha vivido acorrentado num quintal, e a corrente tinha-lhe entrado na perna. A única maneira de prevenir o espalhar da infecção

Qualquer descrição objectiva é insuficiente, uma vez que Greenaway filma sempre, em última instância, as convulsões e enigmas do comportamento humano — estamos perante uma fábula sobre o ser e o não ser, o humanismo e os seus fantasmas.

JOÃO LOPES in RTP.PT



era amputar a perna. Quando o animal trepava e saltava na sua jaula, havia alturas que parecia que a perna não lhe fazia falta nenhuma.

A fotografia tinha-me sido generosamente emprestada em 1978 para o filme *The Falls*. Mostrava uma mulher com um sorriso confiante, de pé entre os elegantes e enigmáticos gémeos Quay (...)

Com vários graus de manipulação consciente e inconsciente, estas três principais fontes foram soldadas num argumento que — visto que todas as melhores coisas vêm em grupos de três — permite uma análise próxima da perda e do fascínio da degradação, e a consideração, sem julgamento, da relação dúbia do homem com os restantes animais.

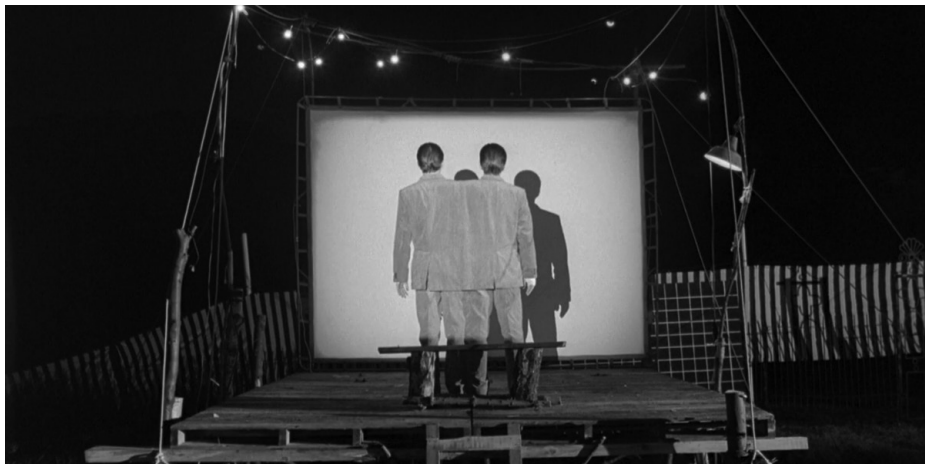
(...) Podia dizer-se que hoje todos

os animais vivem em zoológicos. Seja um Zoo em Regent's Park, em Londres, ou numa Reserva Natural na Nigéria. Talvez o que fique por considerar seja meramente a qualidade do zoológico. Graças à Viagem do Beagle, ao desuso do cavalo como animal de trabalho, aos nossos planos actuais de fugir do planeta Terra, e à nossa actual dúbida paixão por ecologia, a nossa relação com os animais mudou drasticamente nos últimos cem anos. Mas será que o nosso sentido de responsabilidade melhorou?

O cinema é um meio demasiado rico e capaz para ser deixado apenas nas mãos dos contadores de histórias.

#### PETER GREENAWAY

in Introdução ao livro *A ZED & TWO NOUGHTS*  
Tradução CINE CLUBE DE VISEU



**UM Z E DOIS ZEROS** Oswald e Oliver são zoólogos gémeos que estudam o comportamento dos animais num zoológico. Quando ambas as suas esposas morrem num acidente automóvel provocado por um cisne descontrolado, a tragédia provoca nos gémeos uma obsessão pelo estudo de animais em decomposição. Reflectindo sobre a vida, o sexo, a relação abusiva entre homens e restantes seres vivos, e a inevitabilidade da degradação e da morte, *Um Z e Dois Zeros* percorre a linha entre o experimentalismo e a celebração lúdica que caracteriza toda a obra de Peter Greenaway. ●

# 02

SETEMBRO • Quinta

## Sun Children

Khorshid

de Majid Majidi

IRÃO • 2020 • 99'

8



Depois de três décadas a realizar filmes sensíveis e pungentes sobre as crianças do Irão, *Sun Children* é um dos melhores trabalhos de Majidi — um drama humano, perspicaz e atento.

#### TODD McCARTHY

in DEADLINE HOLLYWOOD

*Sun Children*, do realizador iraniano Majid Majidi, dá-nos um filme-de-fuga-da-prisão que é no fundo uma escapatória para lado nenhum, ou então uma comédia-de-escola que corre terrivelmente mal. Com um coração palpitante e uma mão-cheia de carisma arruaceiro, é um dos melhores filmes do ano.

Dedicado aos “152 milhões de crianças forçadas a trabalhar”, o elenco conta com Roohollah Zamani, rapaz de 12 anos, no papel de Ali, o chefe em miniatura de um gangue de bandidos juvenis. Uma pequena roda dentada numa enorme engrenagem, que trabalha para um mafioso local que se esconde entre os telhados

de Teerão. Quando o chefe manda Ali encontrar um tesouro que está escondido nos esgotos da cidade, a única maneira de o rapaz o fazer é inscrever-se na escola que está por cima.

A School of the Sun é uma academia sobrelotada e cacofónica que se mantém em pé graças a doações generosas e ao trabalho incansável dos seus professores. Ali e os seus companheiros — Reza, Mamad e o trágico Abolfazl — juntam-se do lado de fora do gabinete do director, exigindo furiosamente serem aceites na escola. Recrutados das ruas de Teerão, os actores não-profissionais de Majidi perfazem uma equipa enternecedora, com os punhos cerrados de Ali a transmitir justamente as emoções de uma criança que está sempre à beira ou da luta ou da fuga.

A vida é complicada. Há engrenagens dentro de engrenagens. Gradualmente vamos percebendo que a corrida dos rapazes contra o tempo não é a única a ter lugar nesta história. A escola está atrasada na renda e depara-se com o encerramento iminente. A meio de *Sun Children*, achei que já sabia qual a direcção que o filme ia tomar, mas estava redondamente enganado: os túneis de Majidi são mais profundos do que isso. E ao escavar, ele revela-nos um mundo subterrâneo onde não há respostas fáceis e poucos finais felizes. Enérgico e sentido, a tender para o trágico, *Sun Children* arrasta-se pela lama e emerge com redobrada força. A jornada é um pretexto, o verdadeiro tesouro é o filme.

#### XAN BROOKS

in THE GUARDIAN, 8/9/2020, ★★★★★

Tradução CINE CLUBE DE VISEU



**SUN CHILDREN** Ali e os seus amigos são crianças que praticam biscates e pequenos crimes para sobreviver e ajudar a sustentar as suas famílias. Quando surge a oportunidade de escavarem os túneis da cidade em busca de um tesouro perdido, não hesitam em pôr mãos à obra. Mas primeiro, terão que se inscrever na School of the Sun, instituição de caridade destinada a crianças trabalhadoras e sem abrigo. Um novo capítulo das crónicas de Majid Majidi sobre a juventude no Irão, vencedor do prémio de Melhor Jovem Actor no Festival de Veneza 2020. ●

03

SETEMBRO • Sexta

## Funeral Parade of Roses

Bara no Sôretsu

de Toshio Matsumoto

JAPÃO • 1969 • 105'

16



Aparentemente, o título parece revelar tudo: *Funeral Parade of Roses*: morte e sexo. No entanto, apenas diz uma fracção do que o filme na realidade é; tal como a personagem principal, o título revela-se enganador e incompleto na sua aparência — a aparência é, aliás, fulcral para Eddie e para os restantes travestis que povoam o mundo em que se move.

(...) Com uma narrativa apoiada em Édipo Rei e transposta para o underground de Tóquio, *Funeral Parade of Roses* gira à volta de Eddie, um jovem travesti que trabalha no (apropriadamente chamado) Bar Genet, e do triângulo amoroso que forma com Leda (a Madame do bar) e Goda (o dono, também traficante de droga). Num belo preto e branco, a história de Eddie mistura-se com a história do país, ambas atingidas por convulsões internas. (...)

Rodado em 1968 e estreado no ano seguinte, *Funeral Parade of Roses* impõe-se como uma obra do seu tempo e, em simultâneo, à frente dele; convocando a turbulência político-social que assolou o Japão (e o Ocidente) no final dos anos 60 e várias vanguardas artísticas (Dada, Surrealismo, Nouvelle Vague, cinema experimental — Jonas Mekas é, aliás, citado no filme), Toshio Matsumoto junta-lhes banda desenhada, pintura, happenings, música, citações e símbolos vários para se sair, no final, com uma obra heteróclita, iconoclasta e soberba.

**FUNERAL PARADE OF ROSES** A partir de um mergulho na comunidade queer de Tóquio dos anos 60, e vagamente inspirado na história de Édipo Rei, *Funeral Parade of Roses* acompanha um grupo de travestis nas suas tribulações e inquietações diárias, misturando ficção com documentário. Uma colisão febril de estética vanguardista e impacto grindhouse, num dos mais importantes e subversivos trabalhos da nouvelle vague japonesa dos anos 60. ●

(...) Tido como uma influência directa em *Laranja Mecânica* (1971), de Stanley Kubrick (e não é difícil compreender porquê), *Funeral Parade of Roses* convoca e confunde na sua estrutura feminino e masculino, ficção e realidade, sexo e morte. Com um final surpreendente (e que não se esquece com facilidade, como, aliás, toda a obra), o filme coloca em primeiro plano questões de identidade (sexual) e de género alinhadas com questões da ordem do político. No seu poder transgressivo de pisar riscos, no tratamento de temas tabu e no modo

delirante de o fazer, não se terá visto nada igual antes de *Funeral Parade of Roses* e muito pouco se lhe terá aproximado depois.

**CÉSAR GOMES**

in ARGUMENTO #148, Maio 2015

Produto inequívoco da sua época, as poderosas imagens de *Funeral Parade of Roses* persistem na retina muito para lá do seu desaparecimento no ecrã. Um filme ao qual há que voltar, que continuará a dar que discutir e pensar.

**JASPER SHARP** in MIDNIGHT EYE



04

SETEMBRO • Sábado

**Noutro País**

Da-reun Na-ra-e-suh

de Hong Sang-soo

COREIA DO SUL • 2012 • 89'

**H**ong Sang-soo é das melhores coisas do cinema contemporâneo, facilmente o poríamos numa lista dos dez realizadores em actividade que mais vale a pena seguir. (...) Os seus filmes têm tendência a começar no momento em que alguém chega a um lugar onde nunca tinha estado. Neste caso, esse lugar é uma terreola algues na costa coreana, sítio um pouco bisonho e aparentemente sem nada de especial, onde um “pequeno farol” (que o filme trata como leit-motiv) parece ser o máximo da atracção — de resto, um tema recorrente de Hong é esta banal indiferença das paisagens urbanas ou semi-urbanas da Coreia. Mas essa terreola, dizíamos, é aonde chega Huppert — não uma, mas três vezes. Ou, na verdade, nenhuma: a singularidade narrativa de *Noutro País* é que tudo o que nele se passa é ficção gerada pela ficção, três episódios que são como três hipóteses de filme, que se alinham (podiam estar separados por um “ou então...” como no *Fumar/Não Fumar* de Resnais) para formar um só filme. É ficção



**Hong é um investigador obsessivo das relações e motivações humanas, que impulsionam o seu cinema singularmente aventureiro para território emocional subtil mas poderoso.**

**SAM STANDER** in NPR

criada dentro da ficção, literalmente: o que põe tudo em marcha é uma miúda, estudante de cinema, que para matar o tédio se põe a escrever um argumento. (...)

E passa-se o quê, entre tudo o que na verdade se passa apenas na cabeça escritora de uma adolescente coreana?

Acontecimentos tipicamente “honguianos”: a chegada de forasteira e os seus efeitos sobre um pequeno círculo de relações, a estranheza a multiplicar as inseguranças de todas as personagens, as hesitações, os quiproquós, as conversas por meias-palavras, e tudo o que fica lost in translation. (...)

Todas as histórias e história nenhuma, que é sempre a mesma história: uma observação, ora cúmplice ora um pouco cruel, da natureza humana, na sua relação titubeante com

as circunstâncias. Matéria que pode ser dramática, mas que Hong usa como elemento essencial para comédia fina, divertidíssima mesmo quando é grave, e que dá imenso prazer ver.

**LUÍS MIGUEL OLIVEIRA**

in ÍPSILON, 29/05/2013

**NOUTRO PAÍS** Uma jovem instala-se com a mãe numa pensão numa pequena cidade costeira da Coreia do Sul. Para passar o tempo, decide escrever um argumento para uma curta-metragem. Esse argumento segue três mulheres francesas (todas interpretadas por Isabelle Huppert) que chegam à pequena cidade como turistas. Todas se alojam na mesma pensão, conhecem as mesmas pessoas e têm uma ligação com o atraente nadador-salvador que lá trabalha. Realizado pelo consagrado realizador sul-coreano Hong Sang-soo, *Noutro País* é um filme encantador sobre as múltiplas possibilidades que a vida pode tomar enquanto procuramos por nós próprios. ●

**Cinéfilo?  
Bem-vindo  
ao clube.**



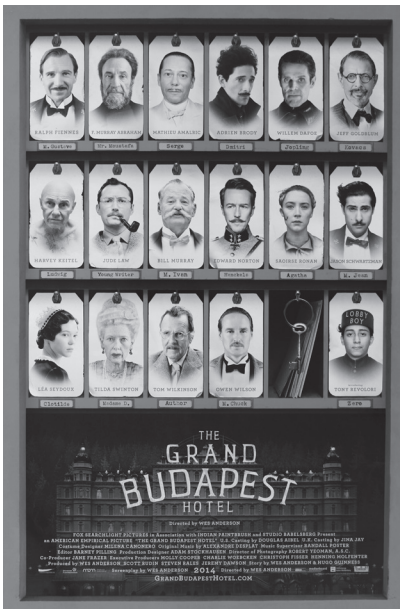
Enquanto terceiro cine clube mais antigo do país, é com muito prazer que mantemos a tradição de **uma sala independente de cinema na cidade**, com sessões todas as semanas no Auditório do IPDJ.

**O apoio de todos é uma condição indispensável para a continuidade do projecto e a manutenção dos seus padrões de qualidade.**

**INSCRIÇÃO NAS SESSÕES  
E NA NOSSA PÁGINA ONLINE**

*cineclubeviseu.pt*

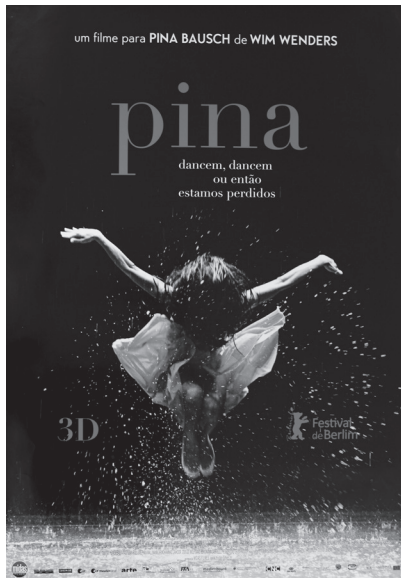
A partir de  
**€12,5/ANO**



**€21** **€15**

Como novos;  
70x100cm

Com marcas de uso e  
tamanhos pequenos

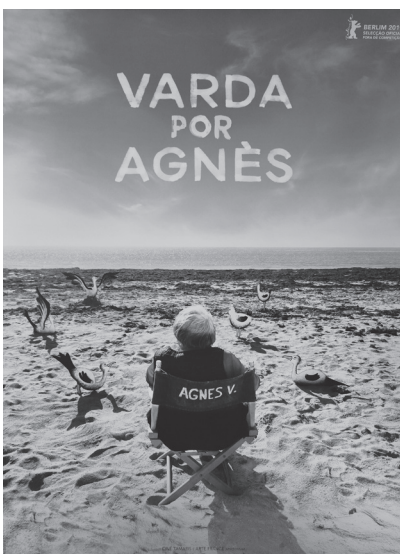


**Loja cineclub**  
**viseu**

**Compre um belo cartaz de cinema nas sessões**

Aproveite! Encontre o cartaz de cinema que procura no site — todos os cartazes disponíveis — ou nas sessões, com uma selecção que preparámos para o CINECLUBE NO MUSEU.

→ [vistacurta.pt/lojaccv](http://vistacurta.pt/lojaccv)



**CINECLUBE DE VISEU**  
Rua Escura 62, 3500 — 130 Viseu  
232 432 760 • [geral@cineclubeviseu.pt](mailto:geral@cineclubeviseu.pt)

[cineclubeviseu.pt](http://cineclubeviseu.pt)

f cviseu @ cineclubeviseu v c/cineclubeviseu

**P R O G R A M A**

**31** AGOSTO • Terça  
**Strangers on a Train**  
O Desconhecido do Norte-Expresso  
de Alfred Hitchcock (1951) **M12**

**01** SETEMBRO • Quarta  
**Um Z e Dois Zeros**  
de Peter Greenaway (1985) **M16**

**02** SETEMBRO • Quinta  
**Sun Children**  
de Majid Majidi (2020) **M8**

**03** SETEMBRO • Sexta  
**Funeral Parade of Roses**  
de Toshio Matsumoto (1969) **M16**

**04** SETEMBRO • Sábado  
**Noutro País**  
de Hong Sang-soo (2012) **M12**

**FINANCIAMENTO**



**PARCEIROS**



**APOIO À DIVULGAÇÃO**

